Ano 14.° | Sabado, 5 de Novembro de 1921 | N.° 699

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tipografia Social de Procopio de Oliveira, R. Camões—ILHAVO

Redacção e Administração
R. Direita; n.° 54—Aveiro

VIVA A REPUBLICA PORTUGUESA!

Nunca o povo apelou em vão para mim e, por isso, tenho a honra de lhe dizer que, visto serem esses os seus desejos, tão imponentemente manifestados, continuarei na presidencia da Republica. Mas declaro que o farei sem admitir a existencia nem de vencidos, nem de vencedores, num intuito de harmonia e de concordia, para que todos os republicanos se unam e todos os portugueses se conciliem.

(Do discurso proferido pelo sr. dr. Antonio José de Almeida, no domingo, da janela da sua residencia).

O MOMENTO

Perante os desejos do país e em face da grandiosa manifestação de que no domingo foi alvo, prometeu o sr. Presidente da Republica não resignar o seu mandato e conservar-se no alto posto em que a nação o investiu para salvaguarda dos interesses da Patria e das instituições vigentes.

Muito bem. Nem outra coisa era de esperar do eminente cidadão que se chama Antonio José de Almeida, cujo passado todo de abnegada fé patriotica jámais foi desmentido atravez a sua carreira politica, que marca e se impõe pelo desinteresse, pelo amor aos principios, pela nobre conduta do seu proceder, enfim.

Mas—perguntâmos nós—será isso o suficiente? Porventura o sacrificio do venerando chefe do Estado, só, *uno*, isolado, será o bastante para arrancar o país á tremenda crise em que se debate e a Republica á vergonha extrema a que a conduziram os erros dos seus maus servidores? Queremos crêr que não. Por maior que seja a bôa vontade do homem que preside aos nossos destinos, e isso não oferece duvidas, por mais acertados e energicos e judiciosos que sejam os seus passos no sentido de ser util a Portugal e ao regimen nesta hora enegrecida que decorre lenta como as noites tenebrosas do inverno, tudo se perderá porque alguma coisa lhe falta onde se apôe e fixe com segurança, facilitando-lhe a ardua tarefa. Escusâmos de ir mais longe: a divisão dos republicanos, que nem agora se compenetraram das suas responsabilidades, grandes responsabilidades, nos acontecimentos desenrolados no mez findo, é o primeiro estorvo. Obstaculo enorme para que a normalidade se acentue e á nação voltem aqueles dias de socêgo tão necessarios á vida economica, estâmos quasi capacitados do trabalho improficuo que a sua remoção vai dar, quando é certo que para bem da Patria todos se deviam entender e para o prestigio da Republica todos os seus antigos partidarios se deviam unir, trabalhando em comum para que ambas se engrandecessem e não lhes faltasse o respeito das outras nações.

Mas oxalá nos enganêmos. E que ao voltar a calma aos espiritos, uma scentelha de luz os ilumine de forma a evitar a repetição de factos que a civilisação reprova e a justiça condena enexoravelmente.

DR. ABILIO NAPOLES

Está desempenhando, interinamente, o cargo de juiz auditor deste distrito, com o que muito nos congratulâmos, o nosso antigo companheiro na propaganda republicana e bom amigo, dr. Abilio Napoles, de Barrô, a quem já nos foi dado cumprimentar, trocando com ele o abraço fraternal a que só teem jus aqueles que se sabem impor pela firmesa das suas convicções.

Aqui lho reinteramos novamente.

Films...

Beijos por conta

Segundo um periodico americano, acaba de ser fixado por um tribunal de Jersey City o numero de beijos que um marido, conscio dos seus direitos, pode dar, diariamente, a sua mulher. São assim distribuidos: cinco antes do meio dia e cinco depois. Alterado esse numero, é aplicada a repressão correspondente.

O marido, antes de dar um beijo a sua mulher, tem de certificar-se ela é anuente, ou, por outras palavras, se está por isso. No caso em que a mulher não queira ser beijada e em que o marido insista, este pagará até cem dollars de multa.

Vê-se, por aqui, que na livre America nem tudo corre á medida dos desejos de cada um. E' reparar para a liberdade do beijo. Se tem alguma comparação com a liberdade que nós usufruimos perante as nossas consortes e, quando calha, até em presença daquelas que o não são!...

Lance d'amor

Da mesma proveniencia chega tambem esta sensacional noticia: uma joven e formosa moradora da Quinta Avenida, de New-Iork, herdeira de 300 milhões de dóllars, guiava, ha dias, um magnifico automovel com a maior desenvoltura. Chegada que foi junto da porta dum palacio, apeou-se, entrou e passados momentos saía, trazendo pelo braço certo rapaz muito conhecido com quem desapareceu para não mais serem vistos.

Está claro que o resto nem por ficar velado deixa de se advinhar...

Destas sortes nunca ticêmos nós...

Descoberta

Corre mundo que os quimicos de War Department, depois de aturado trabalho, conseguiram transformar os gazes asfixiantes em apreciaveis perfumes, extraindo do fosfogénio, cujo cheiro se assemelha ao da batata pôdre, uma delicadissima essencia de violêtas.

Querem vêr que qualquer dia temos os estrumes transformana mais fina essencia de rosas?!...

Por este andar...

O pão

Baixou, em Paris, de preço. Muito felizes os francêses, porque nos tempos que vão correndo já marca uma conquista.

E nós? Havemos de cheira-lo...

AVISO

Emquanto estiver fechada a oficina de «O Democrata» deverão todos os assuntos que digam respeito a este jornal ser tratados na FARMACIA RIBEIRO ou então na rua Miguel Bombarda, n.° 21 (antiga R. de Jesus).

Administrador—João Alves Ribeiro.

PARA A HISTORIA

A alocução do Chefe do Estado aos representantes do país

No dia 19 do corrente, ás 9 e meia horas, quatro membros da Junta Revolucionaria do movimento triunfante procuraram-me em minha casa, manifestando o desejo de me falar. Mandei-lhes dizer que não podia avistar-me com eles, sem receber uma dada resposta do presidente do Ministerio, e que os receberia ás onze e meia horas.

Voltaram, então, e participaram-me que o movimento revolucionario havia triunfado completamente, pedindo para ele a minha adesão. Eu acabava de mandar ao presidente do Ministerio, dr. Antonio Granjo, a resposta á sua carta, escrita do Quartel do Carmo, uma e outra já divulgadas pela imprensa. Comuniquei á Junta Revolucionaria os traços geraes desses dois documentos, um em que o presidente do Ministerio declarava não ter o governo forças para se defender com exito, e outro, em que eu aplaudia a ideia de não haver efusão de sangue, e acrescentei, em termos breves, mas explicitos e decisivos, que os revolucionarios não podiam contar comigo para coisa nenhuma. Eu tinha feito—disse-lhes—um juramento sagrado, em 5 de outubro de 1919, pelo qual assumira o compromisso solene de, por minha honra, *manter e cumprir com lealdade e fidelidade a Constituição da Republica.* O que os revolucionarios me vinham pedir era exatamente o contrario. E, embora eu tambem houvesse jurado *promover o bem geral da Nação e sustentar e defender a integridade e a independencia da Patria Portuguêsa*, a minha consciencia não achava meio de, tendo em conta o bem publico, separar, naquele momento, uma das outras, qualquer das partes do meu juramento. Além de que—conclui—eu não ficaria livre no exercito das minhas funções, e todos os actos que praticasse levariam o sêlo deprimente da coacção. Perguntei ao secretario geral da Presidencia da Republica, Jaime Athias, que assistiu á audiencia, que horas tinha no seu relogio. Era precisamente meio dia. Voltando-me para os revolucionarios, exclamei: *E' meio dia; a esta hora terminam as minhas funções oficiaes de Presidente da Republica Portuguêsa. Não podendo resignar de direito, perante o Congresso, porque os senhores vão dissolvel-o, desligo-me eu proprio, de facto, das minhas funções, e tanto mais que os senhores afirmam ter nas mãos todos os elementos de predominio e invocam, nem de outra fórma se podiam aproximar de mim, o direito revolucionario.* Disse mais algumas palavras, para que, naquele lance, resaltasse bem alta, bem forte e bem limpida, a minha fé republicana, e ia retirar-me. A Junta Revolucionaria apelou para mim, para o meu patriotismo, para o meu passado de velho combatente da Democracia, para o meu amor á Nação e á Republica; para o meu espirito de sacrificio, para tudo, enfim, que podia impressionar-me. Permaneci altivo, rigido, inabalavel, e, no fim, cortejei-os e saí.

Algum tempo depois, o secretario geral da presidencia da Republica procurou-me no gabinete para onde me retirara e comunicou-me o profundo pezar dos revolucionarios que tanto mais dolorosamente sentiam a minha atitude, quanto, na verdade, eles só queriam a assinatura de dois decretos. Respondi, inflexivelmente: *Já não sou Presidente da Republica. A legalidade desapareceu e impera o poder revolucionario. Não assino decreto nenhum, ainda, que me passem pelas armas.*

Dada esta resposta, integralmente, aos revolucionarios, estes foram-se embora.

Depois, até ás 17 horas, varias pessoas vieram pedir-me que cedesse, se não num espirito de transigencia, ao menos com o fim de conciliar.

Hermeticamente fechado na mesmo atitude, as palavras desses republicanos, alguns velhos amigos, passaram por mim como o vento sobre os rochedos—sem me impressionarem.

A's 17 horas veio procurar-me o coronel sr Nanuel Maria Coelho, que se fez anunciar como o chefe militar do movimento revolucionario. Acompanhava-o o seu chefe do estado maior, major sr. Cortez dos Santos, hoje ministro da Guerra.

Com o nobre soldado do 31 de Janeiro, fui mais explicito, mais expansivo, quasi familiar, mas, egualmente, irredutivel. Demonstrei-lhe, com uma argumentação que se me afigurou dominadora, que qualquer transigencia seria indigna de mim, porque eu poderia, embora com dôr, deixar ferir a Republica, mas não podia consentir em que ela, na minha pessoa, fôsse desonrada. Foram, por minha parte, tres quartos de hora de discussão forte, veemente, arrebatada, que terminou por estas palavras: *Não, não e não! Mandem-me fuzilar, mandem-me prender, mandem-me exilar, mas eu não me desonro!*

A INVIOLABILIDADE DOS DOMICILIOS E A VIDA DOS CIDADÃOS

Todavia, reparae cidadãos: A's 23 horas menos um quarto, entrou em minha casa o tenente Agatão Lança, que, excitado e aflito, me procurava. Recebi-o no meu quarto de dormir, onde procurava repousar um pouco, de uma longa e tormentosa vigilia e das dôres causadas pela doença, que me tinha presa de um dos seus costumados assaltos. O heroico marinheiro comunicou-me a morte de Antonio Granjo e Carlos da Maia, lá em baixo, no Arsenal, entre o ruido da fuzilaria e os alaridos da sedição, e disse-me que a anarquia já tinha efetivado o seu salto de pantera sobre varios pontos da cidade. Senti-me varado de dôr, mas nem por sombras desfalecido. Creio que os meus olhos não tiveram, naquele momento, uma lagrima para os mortos e, sentindo, embora, o coração a estalar de desespero, só pensei nos que viviam para lhes salvaguardar a existencia, e na Patria, para lhe manter ilesa a honra.

Corri ao telefone e investi o cidadão Manuel Maria Coelho na presidencia do Ministerio, concedendo-lhe os poderes mais amplos e discrecionarios, para que, sob a minha inteira responsabilidade, a ordem fôsse, a todo o transe, mantida. Depois, a seguir, sem descançar, nomeei ministro e outras autoridades; pelo telefone, comuniquei com o Govêrno Civil, com a Guarda Republicana, com toda a parte, enfim, onde houvesse alguem que pudesse servir o principio da ordem, a todos recomendando que defendessem inexoravelmente, pelas armas, contra todos os malfeitores, a inviolabilidade dos domicilios, a vida e fazenda dos cidadãos.

Depois, nos dias segnintes, em que foi preciso realisar a faina prodigiosa de remover o rescaido da noite tragica, o govêrno do cidadão Manuel Maria Coelho teve em mim o mais devotado e leal dos cooperadores, a ponto de que ajudei a sua constituição, exercendo uma acção pessoal direta, para demover relutancias pessoaes, e incitando varios republicanos a que aceitassem cargos publicos, para ajudarem o govêrno no seu esforço para manter a ordem. Tive uns poucos de presidentes de Ministerio, até ao dia 19 de outubro. Nunca auxiliei, nem pensei, ao de longe, sequer, auxiliar qualquer deles como o fiz a este.

Pedro Bôto Machado

—*—

Deixou de existir em Gouveia, sua terra natal, este dedicadissimo republicano, irmão do ministro de Portugal no Japão, sr. Fernão Bôto Machado.

Tendo entrado na revolta do Porto—31 de Janeiro—por via dela teve de cumprir tres anos de degredo em Africa a que fôra condenado, como sargento de infanteria 18, nos tribunaes de Leixões, não lhe causando essa circunstancia nem esmorecimento nem quebra de energia pelo que a Republica tinha nele um partidario firme e decidido a bater-se por ela. E', por isso, mais um valioso elemento que desaparece das nossas fileiras, o que sentimos, enviando á familia enlutada, especialmente a Fernão Bôto Machado, sinceras condolencias.

NO TEATRO

Começaram as sessões cinematograficas, que continuam a dar grandes enchentes por forma a exgotarem-se os bilhetes com a maior facilidade. A direcção é que se não mostra muito satisfeita pela maneira como se conduzem alguns espectadores quando se produz qualquer acidente na projecção das fitas e nesse particular achâmos que tem toda a razão, apoiando-a nós em tudo que delibere fazer tendente a meter na ordem os discolos, sempre que exorbitem, tornando-se importunos.

Sim. Porque o teatro devemos concordar que não é bem uma praça de touros...

Aos assinantes de Aveiro

Levamos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta cidade que, por intermedio do correio, vamos proceder á cobrança da anuidade de O Democrata, esperando que todos correspondam ao apêlo que lhes fazemos de satisfazerem o recibo apenas seja apresentado. Este vai acrescido de $20 para despesas com esse serviço, atendendo ao preço diminuto que o jornal mantem e ao qual de forma alguma podemos reduzir aquela importancia sob pena dum prejuizo incomportavel pelas suas finanças.

Aos poucos assinantes atrazados no pagamento prevenimos de que cobraremos pela importancia vencida e o ano já principiado a fim de podermos regularisar a escrita, mantendo-a numa certa ordem, de alta conveniencia em todas as bôas administrações.

Que todos nos atendam. pois, recebendo antecipadamente os nossos agradecimentos.

Tambem—devo dizel-o como homenagem da verdade—o sr. Manuel Maria Coelho, cuja ação politica me não compete apreciar agora, foi, como mantenedor da ordem, nas tragicas e aflitas horas do começo do seu govêrno, inteiramente digno da farda que veste.

Devo acrescentar a esta narração, como esclarecimento para a historia e como homenagem á verdade, que em todos os meus atos, inteiramente sob a pressão dos acontecimentos, nunca fui mais livre perante os homens. Poucas vezes na minha vida oficial fui tratado com tantas atenções, com tanto respeito e até com tanto carinho, como o tenho sido estes dias, por parte dos elementos com que os acontecimentos me puzeram em contacto. Os revolucionarios vieram junto de mim pedir, impetrar, solicitar, e, por vezes. até, comovidos, mas nem ao de longe me foi esboçada qualquer sombra de ameaça.

O coronel Manuel Maria Coelho, esse não desmentiu, na nossa impetuosa, mas alevantada controversia do dia 19, aquela linha de correção que sempre caracterisou o modo de ser do bravo insurreto de 31 de Janeiro. Que o saiba todo o mundo. Eu não me *verguei* aos homens; *quebrei* perante a brutal imposição dos acontecimentos.

«A VOSSA VINDA DIZ-ME QUE ANDEI BEM»

Será agora a hora de perguntar, cidadãos, o que determinou na minha consciencia de homem publico, ao fim de tão pequeno espaço de tempo, uma mudança que a mim proprio me assombra ainda. Essa mudança foi determinada pelo peso das minhas tremendas responsabilidades. Entendi que de mim dependia essencialmente, naquela hora, a salvação do pais, e eu não tinha só jurado defender a Constituição, tinha tambem jurado manter e defender a *integridade e independencia da Patria Portuguesa.*

Para defender a Patria tive de esquecer, por um momento, a Constituição, tendo em vista que esta, transitoria, e, sobretudo, obra dos homens, e aquela, razão de ser de nós mesmos, representa o esforço das gerações que nos precederam, sofrendo todas as dôres com que se gera a civilisação, chorando todas as lagrimas em que se retempera a Liberdade. Ah! Eu procedi assim para evitar ao meu país os horrores da submersão, mas infeliz do homem que uma vez se encontra nestes lances suprêmos.

Andei bem ou andei mal?

A vossa vinda aqui, cidadãos, faz-me sentir eloquentemente que andei bem. Obrigado, pela tranquilidade que trazeis á minha consciencia alvoroçada. E, se no vosso espirito ainda alguma, embora infima, parcela de duvida existe, atendei que, se qualquer macula houvesse caído sobre o meu caracter, ela jà estava lavada pelo sangue inocente das vitimas, infamemente derramado, pelo sangue sagrado dos martires da Republica, meus irmãos de crença, e, sobretudo, pelo do meu saudoso dr. Antonio Granjo, esse simbolo leal e quasi augusto do magnanimo coração portuguêš.

*

* *

Dados estes acontecimentos, eu não podia continuar na Presidencia da Republica.

Anunciei, por isso, a minha renuncia áquele alto cargo para 48 horas depois do enterro do meu ultimo presidente do Ministerio. Mas a Camara Municipal e as Juntas de Freguesia de Lisboa tiveram a bondade de pedir-me que sobrestivesse na minha resolução, até que junto de mim viessem as Camaras Municipaes do país, os mais legitimos e mais proximos representantes do povo. Acedi, nem eu podia macular mais de 30 anos de vida politica em prol da democracia, com um ato de menos consideração para com o povo português, que sempre tenho servido e amado. E, agora, aqui está junto de mim esse povo, reforçando e validando com o seu aplauso a platafórma que os homens publicos expressamente arranjaram e me oferecem para eu voltar, sem quebra de dignidade, para a Presidencia da Republica.

Aqui está o povo representado por todas as suas classes, por todas as suas forças vivas, por todos os seus elementos de trabalho e ação, por tudo, enfim, que o constitue na sua organisação secular, no seu modo de ser de todos os tempos.

«REGRESSO A' PRESIDENCIA COM A MESMA FIRMEZA COM QUE FUI OCUPAL-A EM 1919

Que dizer-vos? A bom recato a minha honra, que é a vossa honra; salvaguardado o meu brio politico, que è vosso tambem, só uma coisa vos posso dizer—que estou ao vosso dispor, continuando a ser, visto assim o quererdes, o vosso mandatario, o vosso representante, o vosso chefe eleito, agora mais forte da força nova que aqui lhe vindes trazer.

De coração retalhado pela dôr, com a alma ainda surpreza e atonita, eu regresso á normalidade da Presidencia da Republica, com a mesma altiva e serena firmeza com que fui ocupal-a em 5 de outubro de 1919. E, se ha alguma diferença, é que agora a minha cabeça se ergue com mais indomavel energia, porque, experimentado por novos sofrimentos e novas provações, me considero mais digno da gloriosa Patria que sirvo desde creança.

Durante dois anos e 14 dias, em que, até 19 deste mez, exerci as funções da minha alta magistratura, eu devo ter praticado muitos erros. Todos nós os praticamos. Mas concordo, sem dificuldade, que me deve cober a mim a maior partilha nesses erros. Mas, aí, as minhas intenções foram as melhores. Modesto e simples na minha vida usual, como competia ao chefe de uma nação que é intersticialmente uma patria de poetas, mareantes e cavadores, eu fui tambem, sempre que se tornou preciso marcar para o meu pais o logar internacional que lhe é devido, o chefe altivo e orgulhoso, que sabia ter atraz de si um povo, que, mesmo atravez das suas desgraças, de si ressuma a força e o prestigio das suas gloriosas energias ancestraes.

«NÃO POSTERGUEI NUNCA OS DIREITOS DE NINGUEM»

No exercicio das minhas funções, defendi, é claro, com solicitude e intransigencia, alèm do Estado republicano, a propria doutrina republicana. Mas, fazendo-o, não posterguei os direitos de ninguem. Sempre severo na condenação dos abusos, imoralidades e desvarios, nunca da minha boca saiu uma palavra de odio; não ha, em toda essa agitada existencia de dois anos, um unico traço de perseguição. Apesar de ser restrita e acanhada, como se sabe; a minha esfera constitucional de Chefe de Estado o meu passado republicano, o meu conhecimento dos homens e o prestigio da minha situação deram-me o ascendente bastante para diferentes vezes influenciar pela sugestão ou pelo conselho, a ação de quem governa. Jámais o fiz nalgum intuito atrabiliario, não tendo em vista outro objetivo que não fôsse o bem publico.

Declarei em 5 de outubro de 1919, perante o Congresso da Republica, no ato solene do meu compromisso de honra, que me consideraria, desde aquela hora, o chefe de todos os portuguêses. Cumpri. Respeitei e promovi o respeito por todas as crenças religiosas e politicas que não estivessem desintegradas da civilisação do nosso tempo, não indagando, para reconhecer e agradecer os serviços á Patria, das convicções intimas de quem os prestava. E ninguem me declinou a sua qualidade de delinquente politico, fôsse qual fôsse o seu credo, que eu não me interessasse pela sua sorte, havendo até um momento em que eu pleitiei, num intuito de harmonia e unidade nacional, a causa dos vencidos politicos, como se ela fôsse a causa da minha propria liberdade.

Sim, devo ter praticado erros. Mas talvez mereça ser deles relevado se, a Historia, quando me julgar, não esquecer os trabalhos e atribulações que passei, durante tão grande lapso de tempo, em que não tive um minuto de despreocupação, em que quasi não tive um quarto de hora de socego sempre com a mão no leme do meu barco, que fez a mais arriscada dos viagens, ora batido pelo furor das tormentas, ora envolto nas trevas da cerração, que me enervava, pelos continuos toques de alarme que era obrigado a soltar de bordo, de instante a instante.

Não trouxe isto para aqui, cidadãos, com o fim de fazer exame de consciencia. Sómente vos quero dizer que vou seguir o mesmo rumo, esperançado, no entretanto, que me ajudarão, agora, os que, porventura, um tanto até aqui, se esqueceram de mim.

A Nação salvo-se com uma facilidade enorme. A Republica prestigia-se de um dia para o outro. O que é preciso? Que nos unamos. Espero que o sangue heroico de Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia e Freitas da Silva realisará esse ato supremo.

Deixem falar os terroristas, deixem falar os homens cobardes, que a toda a hora praticam o crime repugnante do seu desalento ou do seu defectismo.

A Nação parece, por vezes, que anda espavorida, a fugir de si mesmo; e, outras, parece que anda transviada, á procura de si propria. Tranquilisemol-a e demos-lhe um rumo. Como? Trabalhando, entrando de vez na ordem Juridica, isto é, mantendo a força armada fóra da politica, chamando o povo ao respeito da Lei.

Voltando á Presidencia da Republica, nesse sentido continuarei a esforçar-me, fóra de todas as intrigas, ao de cima de todas as paixões.

Não desanimem, encham-se de esperança e contem comigo.

Retomando o meu posto, ao serviço da Patria, não faço sequer sacrificio. Essa palavra, pronunciada por mim, a meu respeito, nesta hora, sujar-me-ia os labios, depois de me desonrar o coração.

Não. Eu vou mais do que resignado, mais do que conformado. Vou quasi alegre, quasi feliz, porque vou no serviço do povo!

Viva a Republica Portuguèsa!

Serviço Farmaceutico

Encontra-se amanhã aberta a Farmacia Central.

FINADOS

Os cemiterios da cidade regorgitaram na terça e quarta-feira de pessoas que ali foram visitar as campas dos entes queridos, por serem os dias destinados, pela Igreja, á consagração dos mortos.

Flores e lagrimas de saudade; luto e dôr; concentração e tristeza.

Deante dos mais justos sentimentos da humanidade, curvâmo-nos.

Modista de chapeus

—*—

Como referimos acha-se n'esta cidade ha dias, a srª. D. Ana Teixeira da Costa, á rua Candido Reis n.º 20, com o seu explendido mostruario das ultimas novidades em chapeus para senhora.

Apesar da extraordinaria venda efectuada é ainda abundante a variedade existente demorando-se a exposição até a proxima semana. Ha a notar alem de belos modelos expostos a modicidade de preços.

O cinico

—*—

Ei-lo mais uma vez em publico a exibir se com a mesma facilidade com que correu toda a escala partidaria dentro da monarquia, e encontrando-se agora com as patas assentes nos quatro *principios* professados: miguelismo, liberalismo, republicanismo e... bolchevismo. Ele é todo e assim ninguem é nada para o miseravel!

Referindo-se á posse do actual governador civil, não o considera republicano... porque combateu a candidatura do *sobrinho!* Lá andar jogando a vida no 14 de Maio. assaltar Monsanto para vencer o baluarte monarquico, arriscar a existencia na defesa da Republica, isso nada significa nem vale como demonstração de pureza e sinceridade de convicções confrontado com o crime de *lesa patria* de contrariar o *ilustre homem publico e indefecivel republicano,* Barbosa de Magalhães!

Republicano é ele, è o *Bichêsa.*

Ele é que é o *elemento genuinamente republicano, dantes quebrar que torcer* e todos quantos cègamente o acompanham, numa submissão ultra vergonhosa, reconhecendo e acatando a vontade desse miseravel, que só vale pelo descaramento, pela audacia e pelo cinismo em todos os tempos revelado.

—O *Bichêsa* nada tem comnosco—dizem, em grita, os baratas e outros bichos.

Mas ele é que dá o santo e a senha e atraz dele todos seguem, sem pejo, sem vergonha, numa obediencia, numa passividade que enoja, que revolta, que repugna.

Pois nem o sr. governador civil é republicano, nem ao acto da sua posse—*um só republicano lá foi!*

Querem-no assim ou melhor?

Entre muitas outras coisas, caberia perguntar ao malandrete o que era ele, quando, *já republicano professo e confesso,* enviava ao dr. Jaime Silva, os autografos dos artigos enaltecendo e aplaudindo a obra final e nefasta do dezembrismo, *para que os visse e modificasse como melhor fôsse do seu agrado!!!*

Eram já os primeiros sinaes de mais uma transformação, no caso de ser preciso, como infeliz e aparentemente tudo fazia crêr.

Mas este, sim, este é que é republicano *dantes quebrar que torcer* e tudo o mais são cantigas.

Quem lhe esfregasse as ventas com uma pouca de—*cêra de milho*...

Uma trindade...

Entre os muitos e variados nomes que figuram nos registos da matricula do liceu desta cidade, encontram-se os seguintes, merecedores de especial referencia:

João Batista do Nascimento e Silva, Marcos Antonio de *Maria Salomé* Colaço e Antonio Gregorio Narciso *Menino Jesus* Rosario Pereira!

Ad majorem gloria Dei, como diria o *Cochicho*, em falsete, se lhe assoprassemos esta *listrasinha* tão... beatifica e curiosa!...

Queres a vida mais barata?

Trabalha o maximo.
Consome o minimo.
Prescinde do superfluo.
Condena o luxo.

NECROLOGIA

Aos estragos duma biliosa que lhe sobreveio, finou-se no sabado preterito em S. Bernardo o nosso amigo e assinante, sr. Augusto Diniz Ferreira, ha um mez chegado de S. Tomé.

Novo ainda, pois contava 22 anos apenas, como guarda livros duma importante casa daquela nossa possessão africana se destacou, grangeando simpatias quer no comercio quer na vida social da provincia onde era estimado e vivia com seus paes, para quem vão, nesta hora de amargurada dôr, os nossos sentidos pêsames.

O funeral do inditoso Augusto, efectuou-se no dia seguinte com larga concorrencia de amigos e conterraneos, alguns dos quaes lhe ofereceram corôas em cujas fitas se liam as mais expressivas dedicatorias de saudade.

*

Tambem deixaram de existir nesta cidade o tipografo João das Maravilhas, o negociante Joaquim Pecegueiro, o sr. Manuel dos Reis, solteiro, de caracter probo, pelo que possuía grande numero de amigos e uma filha estremecida e unica do Dr. João Maria Moreira, continuo da repartição das Obras Publicas, de nome Esmeraldina.

*

Aos estragos duma cirrose sucumbiu em Esgueira o sr. João Gaioso de Penha Garcia, inspector de pontes e material fixo da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses.

Era sogro do nosso amigo Antonio Maximo Junior, director do Banco Regional e contava 57 anos de edade.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

Onde está o gato?

Um foi parar a Madrid.

—Um quê?—perguntará o leitor.

—Um dos dois futuros dirigentes da Nação.

E' assim que o Firmino diz quando se refere aos *beneméritos* Antonio Maria da Silva e Barbosa de Magalhães.

São os—*futuros dirigentes da Nação!*

Ora, um foi parar a Madrid e o outro? Sim, o outro? Desapareceu.

Já não é a primeira vez. Quando as coisas apertam e as convicções são o que se sabe, a prudencia manda que... se suma o genuino chefe republicano!

Não é medo, fique isto assente. E' prudencia.

Nessa gente houve, em todos os tempos, elevação e grandeza de sentimentos, de acção e de.. cautela!...

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 3

Da Povoa seguiram para o Brazil os srs. Manuel Francisco Braz e familia e José Ferreira Canha e filho Alcino.

=== Casou na mesma localidade uma filha do sr. Manuel dos Santos Coutinho com o sr. Augusto Ferreira Vieira.

=== Após doloroso sofrimento faleceu no domingo o nosso conterraneo José Francisco Aguedo, mais conhecido por *José Calhau.*

Era um bom cidadão, motivo porque a sua morte foi assaz deplorada.

C.